

# VÍRUS, POLÍTICA E LINGUAGEM – MEUS APRENDIZADOS EM 10 ANOS VIVENDO COM HIV

*VIRUS, POLITICS AND LANGUAGE – MY LEARNINGS IN 10 YEARS LIVING WITH HIV*

**Ramon Nunes Mello<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Pesquisador independente, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## RESUMO

Nesse artigo, apresento os desafios vividos no percurso como poeta e ativista desde que foi aberta publicamente minha sorologia para o HIV, através de um diálogo sobre o vírus/linguagem no campo da poesia e literatura.

**Palavras-chave:** HIV/Aids; Literatura Pós-coquetel; Poesia Brasileira Contemporânea.

## ABSTRACT

In this paper, I present the challenges that I have experienced along the way as a poet and activist since my HIV status was publicly disclosed, through a dialogue about the virus/language in the field of poetry and literature.

**Keywords:** HIV/AIDS; Post-cocktail Literature; Contemporary Brazilian Poetry.

A vida é política. Neste ano desafiador, 2022, completei 10 anos vivendo com HIV, sendo sete deles falando abertamente sobre HIV/aids, e este é o meu maior aprendizado: A vida é política. Esta lição perpassa todas as outras, nesta primeira década em que aprendi a celebrar a minha vida nas pequenas ações cotidianas, reinventando minha capacidade de olhar o mundo através das artes, da literatura. *A linguagem / o verdadeiro vírus*. Mas, efetivamente, quais os ensinamentos deste tempo?

1. A vida é poderosa. Apesar de os estigmas e de os preconceitos ainda persistirem, estamos cercados de pessoas solidárias e generosas.

2. Vamos nos decepcionar com o preconceito de pessoas próximas, mas também nos surpreender de forma positiva com outros amigos e desconhecidos.

3. Depois do susto do diagnóstico (“Vou morrer! Não vou mais me relacionar com ninguém.”), surge uma força interna desconhecida que nos leva adiante.



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

4. Viver é lutar. Não há como lutar contra HIV/aids sem pensar em justiça social. É necessário lembrar que a vida de pessoas que vivem com HIV/aids ainda é mais difícil para a população vulnerabilizada: negros, gays e transsexuais.

5. Temos de votar em políticos que invistam em saúde pública e respeitem a diversidade. Caso contrário, será um horror vivermos com a destruição da política pública de HIV/aids e a desvalorização do SUS – que resiste, apesar de.

6. A história do HIV/aids é formada por um mosaico de pessoas, entre ativistas, médicos, enfermeiros, escritores, artistas, youtubers etc. Ao trazer a vivência com o HIV/aids a público, estamos compondo um fragmento de 40 anos de luta.

7. Não é porque se descobriu a sorologia positiva para HIV que se tem a obrigação de torná-la pública. Faça isso se for sua verdade, ninguém é obrigado a abrir a sorologia.

8. É crime divulgar o diagnóstico de alguém sem permissão, até mesmo na fofoca entre amigos. Aliás, todos estão vulneráveis ao vírus, inclusive heterossexuais que pensam, ainda em 2022, que é uma “doença gay”.

9. Discriminar pessoas que vivem com HIV é crime. Temos de lembrar disso para aquele colega do trabalho, conversar abertamente sobre o assunto.

10. Não existe cura para aids, até o presente momento. Qualquer promessa de cura, por terapeuta, religioso ou seja quem for, é crime de curandeirismo.

Em tempos de ódio e polaridade política, nesta era “pós-coquetel”, em que a resposta brasileira à epidemia de HIV/aids, antes um exemplo mundial, tem se enfraquecido diante do retrocesso conservador e da persistência do preconceito, estigma e moralismo, é necessário unir forças com aliados da luta pela dignidade das pessoas que vivem com HIV/aids.

Colecionamos atrocidades do atual presidente da república, Bolsonaro, contra a vida das pessoas que vivem com HIV/aids, de afirmações mentirosas sobre a vacina da Covid transmitir aids ao efetivo desmonte de políticas públicas, desviando verbas da saúde para o “orçamento secreto”. Nada surpreendente, quando se trata de um presidente fascista – notadamente racista, homofóbico e misógino – ao declarar que a causa do HIV/aids não é um problema dele (ou seja, não diz respeito a saúde pública como direito fundamental), uma vez que considera as pessoas que vivem com HIV como “despesa”.

Após 40 anos do surgimento do HIV/aids, desde de sua descoberta em 1981, é relevante lembrar as ideias de ativistas como Herbert Daniel e Herbert de Souza, o Betinho – o primeiro dizia que “a solidariedade é a verdadeira vacina contra aids” e o segundo que “aids é sim um assunto

político”. Não somos despesa. No Brasil somos quase 1 milhão de pessoas vivendo com HIV/aids. Somos corpos vivos. Somos resistência. Somos corpos políticos. Uma pessoa que vive com HIV/aids tem o direito constitucional à saúde pública. Investir na Saúde é investir na vida. É uma afirmação óbvia, mas necessária de ser dita, redita, em tempos sombrios.

Acredito que a linguagem é o verdadeiro vírus, a forma como nos expressamos de forma escrita ou falada colabora sobre a resignificação do que entendemos sobre o HIV/aids. E, assim, transformar a representação de que HIV = morte. Reconheço que na luta do HIV/aids deve-se pautar o genocídio que ocorre no Brasil hoje, principalmente no meio mais vulnerável – negros e os *gays* – e por isso dar voz a quem mais sofre com a questão. E, em paralelo, pois as lutas são simultâneas e complementares, promover um diálogo entre soronegativos, soropositivos e sorointerrogativos para que visão sobre amor, sexo, vida, relação com os medicamentos, combate aos estigmas também seja parte da reconstrução do imaginário de viver com HIV/aids. Penso que, guardadas as proporções, a literatura, no meu caso a poesia, pode contribuir com a afirmação dessas subjetividades.

Palavras impõem limites e mudanças profundas, entretanto penso que, para romper com o tabu e o preconceito do HIV/aids, tanto na vida como na literatura, é necessário encarar essas siglas: HIV/aids. Então, é necessário pronunciá-las e escrevê-las, pois só assim podemos criar um novo imaginário diferente do estigma associado ao início da epidemia. Somente, assim, podemos resignificar a ideia em torno do vírus.

Levando em consideração essa reflexão sobre a militância e a linguagem, afirmo que o HIV/aids é, sim, um assunto da micropolítica da existência e da macropolítica estrutural a qual nossa linguagem se subordina quase sempre, e não ultrapassa os limites do senso comum tão perigosos em tempos atuais. Caminhos a passos lentos na efetivação de todas as fases dos direitos humanos, da primeira à terceira geração de avanços, dos direitos básicos à liberdade individual, à sua garantia de expressão coletiva, seja pelos grupos de autoafirmação identitária, como também avanços nas políticas sociais de saúde. Garantir direitos humanos é garantir a sucessiva e fundamental consciência de que a luta se faz no dia a dia, e nela nos humanizamos agindo sobre o pensar e pensando sobre o agir.

Se é para sonhar com um Brasil melhor, por que não trazer para junto de nós o pensamento do professor, sociólogo e crítico literário Antônio Candido que, em seu ensaio *O direito à literatura*, defende a ideia de que a literatura tem de ser vista como um direito básico do ser humano, pois é fundamental para a formação do sujeito. Ele compreendia que os direitos humanos – acesso à saúde, alimentação, moradia, justiça, instrução, saúde, direito à religiosidade e às liberdades individuais – garantem a sobrevivência de vida, portanto, a literatura também deveria ser ressaltada. Assim, a humanização, adquirida através da linguagem

literária, possibilitaria a vivência de realidades distintas. Ou seja, de acordo com Cândido, “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato pode dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (CÂNDIDO, 1995, p. 191-196).

Mas como ter acesso a literatura quando não temos acesso aos direitos básicos de cidadãos? É uma resposta que temos de construir juntos.

Quando resolvi organizar *Tente entender o que tento dizer: poesia + HIV/ aids* (MELLO, 2018) já havia tido o prazer de ler ensaio inspirador de Antônio Candido, assim como outros textos ficcionais, ensaísticos, históricos e técnicos relacionados especificamente à vivência sobre o HIV/ aids. Entre esses autores estavam Herbert Daniel, Caio Fernando Abreu, Betinho, Silviano Santiago, Alexandre Nunes de Sousa, Denilson Lopes, Eduardo Jardim, Marcelo Secron Bessa e João Silvério Trevisan – alguns abordando a questão de forma mais subjetiva do que outros. Essas trocas me fizeram entender como eu gostaria de atuar no ativismo do HIV/ aids, através de um diálogo sobre o vírus/linguagem.

Não tenho a ilusão de que a poesia vai ter um alcance ou uma força de transformação social capaz de alterar algo de forma tão direta no ativismo de HIV/ aids. Até porque não acredito que a poesia está em função de nada, muito menos de uma causa tão complexa como militância de HIV/ aids. Entretanto, como dizia, em citação livre, o poeta Roberto Piva, “a poesia pode não acabar com a guerra, mas, ao menos, evita que as pessoas deixem de sonhar”.

## COMO ELIMINAR MONSTROS & DEMÔNIOS

*para Ronaldo Serruya e Fabiano de Freitas*

repita a você mesmo:  
eu não sou um vírus  
vamos repita:

eu não sou um

vírus

digo aos outros que sou louco para que as pessoas que tem medo  
de gente louca não  
se aproximem de mim  
me disse o leão

tenho adotado o mesmo método  
para viver com hiv

promíscuo pervertido viado  
coleciono o rótulos e jogo fora junto com as bulas de letras miúdas  
que enchem as gavetas do armário

ao menos tenho conseguido entender  
quem sou em meio a contagem de cd4 e quantidade de vírus no  
meu sangue  
para classificarem como quiserem

indetectável

posso transar sem camisinha que não infecto ninguém  
afirmam os médicos

infectar não contaminar, reaprendi a falar  
assim como não se deve pronunciar aidético  
palavra embolorada de estigmas  
minha língua  
gem está infectada pelo hiv-aids

não é a língua, é o cu! – berra copi pela boca de carrera  
com sua dificuldade de se expressar e ainda reverbera em meus  
ouvidos

é o cu!

músculo de veludo cantado por piva  
*promessa-derradeira-entrada-franca-dos-demônios*

tenho eliminado monstros &  
demônios  
a cada dia  
com reza brava

coloquei meus preconceitos no altar  
olhei para eles rezei  
para depois xingar um por um  
por três anos aos prantos

até conseguir vomitá-los em ritos xamânicos  
me olhei por fora embora por dentro  
cheio de medo

me transformando em bichos  
uma onça que lambe as próprias feridas  
ou uma cobra de várias cabeças  
apresentando a cura

enquanto participava do meu velório  
sem choro nem vela  
e prometia a guarda da biblioteca para o marona

quantas mortes nessa epidemia discursiva?  
40 milhões de mortes em todo mundo

dionísio disfarçado de mendigo dançou comigo uma poesia  
cós mica e sem nome  
eu cortava meus medos com golpes no pescoço  
e decepava  
pedaços do meu desejo de apontar  
culpados

doloteglavir sódico + fumerato de tenofovir + lamivudina  
ao meio-dia de estômago vazio

contando o tempo em comprimidos  
meu corpo se entope de toxina

ainda contamos os mortos  
mesmo sorrindo

tentando acreditar na cronicidade dos dias  
reinventando narrativas

passando entre o medo incendiário  
de al berto e os cantos de ilusão de perlongher  
em noites de insônia  
marítima

## TODA BICHA LUTA

uma ética bicha  
estratégia de sobrevivência em tempos  
sombrios

uma bicha existe  
entre (não no meio) das coisas  
afeta corpos & conceitos  
desarma dispositivos  
& identidades

desviando-se  
de pedradas lampadadas  
facadas tiros  
na cabeça para  
deixar ser  
bicha

toda bicha é uma ameaça

se posithiva um perigo  
demônio pederasta viado  
pervertido infectado

eu falo  
intumescido bichamente

toda bicha luta contra (mesmo que não tenha consciência)  
o sistema heterocentrado de controle  
do seus gozos &  
perversões



## ATENÇÃO PURA A TODAS AS COISAS

para Manoel Ricardo de Lima

*Stop.  
A vida parou  
ou foi o automóvel?*

“Cota Zero”  
Carlos Drummond de Andrade

o mundo parou  
mas o poeta foi invadido  
pelas memórias que não escreveu

da mesma maneira que sempre é  
atravessado  
por versos lidos ao longo do dia  
e pedaços de frases soltas que escuta

de repente  
uma anotação perdida  
num guardanapo de papel:

não fomos e nem seremos futuristas  
*disse e repito: não sou futurista*  
não somos  
seremos os pós-mundistas?

hoje o poeta acordou  
com um poema longo na cabeça  
sonhou com as imagens  
sentou para escrever o poema sumiu  
nenhuma palavra

escreveu um poema sobre o poema esquecido  
devassado pela impossibilidade  
das palavras que não conseguia colocar no papel  
das ideias mortas diante da tela  
fria

sentiu a impotência como o poema  
de solano trindade amor  
*eu ia fazer um poema para você  
mas me falaram das crueldades*

mortes sufocadas noticiadas de cada dia  
transpassam seu corpo  
fica sem ar  
*abram todas as janelas*  
por favor

*eu não consigo respirar*

as mãos brancas encardidas de sangue  
mancham os versos

os tiros nos corpos negros  
seus irmãos  
sente vergonha raiva culpa  
meninos negros assassinados  
até quando? um grito um urro  
de angústia

numa pasta do computador contabiliza  
as mortes dos seus

entre janeiro e maio do passado  
o brasil registrou 141 mortes de pessoas lgbtqia  
mais de uma morte por dia  
33% de todas as mortes por aids no país são  
pessoas trans e pessoas negras  
o risco de uma pessoa preta infectada pelo hiv  
morrer por aids é 2,4 vezes maior do  
uma pessoa branca

71% das pessoas assassinadas são negras  
racismo mata

mas *não cabe no poema*  
sobra é discursivo palavroso  
militante demais  
ainda dizem

uma pausa

na luta a vida parou  
mas não para  
todos

o tempo

continua

em suspenso

## REFERÊNCIAS.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. **Vários escritos**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MELLO, Ramon N. (org.). **Tente entender o que tento dizer**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2018.

### **Ramon Nunes Mello**

*ramon.mello@uol.com.br*

É poeta, escritor, jornalista e ativista dos direitos humanos. Formado em artes dramáticas pela Escola Estadual de Teatro Martins Pena e jornalismo pela UniverCidade. Mestre em Poesia Brasileira pela UFRJ. Autor dos livros *Vinis mofados* (2009), *Poemas tirados de notícias de jornal* (2011), *Há um mar no fundo de cada sonho* (2016) e *A menina que queria ser árvore* (2018). Organizou *Escolhas* (2010), autobiografia intelectual de Heloísa Buarque de Holanda; *Tente entender o que tento dizer: poesia + HIV/aids* (2018) e *Ney Matogrosso, Vira-Lata de Raça – memórias* (2018). Poeta convidado do Rio Occupation London no Battersea Arts Centre (Londres, 2012) e da Festa Literária Internacional de Paraty (2016). Curador e organizador da obra de Adalgisa Nery (1905-1980) e Rodrigo de Souza Leão (1965-2009).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7347-5048>